

## **Pocket park: Matriz de critérios para implantação**

*Pocket park: criteria matrix for deployment*

*Pocket park: conjunto de criterios para la implementación*

MALUF, Carmem Silvia

*Doutora, Universidade de Uberaba, carmemmaluf@gmail.com*

GONÇALVES, Tairine Érica Caixeta

*Arquiteta, tairine.c.g@gmail.com*

### **RESUMO**

O presente trabalho surgiu com a preocupação sobre o método de projeção de pequenos parques urbanos e espaços públicos com qualidade para a população em áreas centrais das cidades. A partir de projetos referenciais e segundo estudos de Reid (1987), desenvolvemos uma reflexão como base para a criação de uma matriz de critérios para a implantação dessas áreas verdes, os *pocket parks*, objeto desse trabalho. Por fim, apresentamos algumas propostas projetuais de *pocket parks*, resultado de um exercício metodológico, aplicando os estudos de massas e fluxos, segundo diretrizes da matriz desenvolvida. O produto final desse trabalho é uma matriz de critérios que auxiliará no ensino de paisagismo durante o processo projetual de *pocket parks*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Pocket park; matriz de critérios; espaços livres.*

### **ABSTRACT**

*This work arose out of concern about the method of architectural design of small urban parks and public spaces with quality to the population in central areas of cities. From reference projects and according to studies of Reid (1987), developing a reflection as the basis for the creation of a criteria matrix for the deployment of these green areas, pocket parks, object of this work. Finally, we present some project proposals of pocket parks, a result of a methodological exercise by applying mass studies and streams, according to guidelines of the matrix developed. The final product of this work is a criteria matrix that assist in teaching landscaping during the process design of pocket parks.*

**KEY-WORDS:** *Pocket park; criteria matrix; free spaces.*

### **RESUMEN**

*Este trabajo surgió de la preocupación por el método de diseño arquitectónico de pequeños parques urbanos y espacios públicos con calidad a la población en zonas céntricas de las ciudades. Desde proyectos de referencia y según los estudios de Reid (1987), desarrollando una reflexión como la base para la creación de un conjunto de criterios para el despliegue de estas zonas verdes, pocket parks, objeto de este trabajo. Finalmente, presentamos algunas propuestas de proyectos de pocket parks, el resultado de un ejercicio metodológico aplicando estudios masivos y arroyos, según las pautas de la matriz desarrollada. El producto final de este trabajo es un conjunto de criterios que ayudan en la enseñanza de jardinería durante el proceso de diseño de pocket parks.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Pocket park; matriz de criterios; espacios libres.*

## 1 INTRODUÇÃO

A inserção de pequenos parques nas áreas centrais das cidades ou em bairros populares ocasiona uma melhoria imediata na região, sendo capaz de atrair a população ao proporcionar uma ampliação de equipamentos e espaços de uso público.

Nas áreas centrais das cidades, os espaços livres e as construções antigas foram sendo gradativamente substituídos por edificações maiores e mais altas, aumentando sua densidade. A falta de espaços livres centrais na maioria delas conduz-nos à busca de pequenas áreas: frestas ou antigos quintais, que permitam a inserção de áreas de lazer e contemplação para a população. Em muitas cidades, terrenos utilizados como estacionamentos também são alvo de interesse, visando sua transformação nesses recantos de encontro e convivência. Nas periferias, terrenos baldios podem se transformar em espaços de qualidade para a comunidade do entorno.

Apesar da apropriação de alguns desses pequenos espaços, a falta de critérios para a ocupação dos mesmos nos levou a desenvolver algumas considerações que permitissem uma melhor aproximação do problema a ser enfrentado e trabalhar com esse material no ensino de projeto de paisagismo e nas discussões que fazem parte dos componentes curriculares de Planejamento da Paisagem do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Uberaba.

## 2 SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES

As cidades são compostas de vários sistemas, e um dos mais importantes, é o sistema de espaços livres. Ele é composto por espaços livres privados e públicos, e são, de acordo com Queiroga et al. (2011, p.13), fundamentais para o desempenho cotidiano, para constituição da vida pública e privada e da paisagem urbana. Os espaços livres privados são aqueles inseridos nas áreas particulares, como fundo de lotes, estacionamentos, jardins frontais, quintais. Dentre os espaços livres públicos estão as praças, os parques, calçadões, praias, lagoas, entre outros, sendo os principais, a rua e o passeio público. Eles assumem inúmeras formas e tamanhos e são abertos e acessíveis a todas as pessoas.

De acordo com Alex (2008, p. 20) “O espaço público, portanto, dever ser visto como um conjunto indissociável das formas assumidas pelas práticas sociais”, daí sua importância para o cotidiano de uma sociedade.

O sistema de espaços livres, na maioria das cidades, é esquecido, quando na verdade deveria ser tratado de forma prioritária, integrando-se com os demais sistemas.

Pensar na qualificação dos sistemas de espaços livres é, portanto, contribuir para a educação, saúde, transportes, habitação (vida cotidiana), saneamento e meio ambiente, é construir uma cidade melhor, é pensar no homem enquanto cidadão e não apenas consumidor. (QUEIROGA et al, 2011, p.20)

Para Maluf (2008):

A qualidade ou atributos do espaço é conferida/percebida pelas diferentes possibilidades de fruição que ele proporciona aos seus usuários. Seja para o ócio ou para o trabalho, a fruição depende do “tempo” que o usuário dispõe ou dedica para usufruir as qualidades ou atributos do espaço. Sem o tempo para se “relacionar” com o espaço, não ocorre o uso.” (MALUF, 2008, p.76)

Nesse sentido, a proximidade desses espaços com a comunidade representa a forma como as mesmas podem e devem ser implantadas e utilizadas no cotidiano da vida contemporânea, justificando sua inserção no sistema de espaços livres de uma cidade.

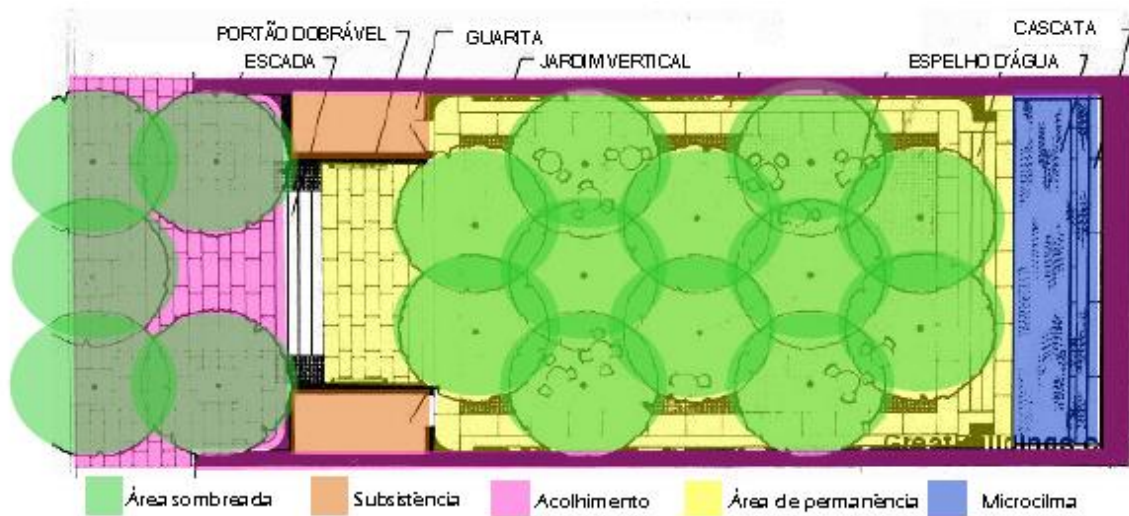
A disponibilidade de pequenos espaços livres na malha urbana, central ou periférica, aliada à facilidade de manutenção em função das dimensões reduzidas, apontam para a vantagem da utilização do *pocket park* como tipologia de espaços de convivência a serem implantados no Sistema de Espaços Livres de uma cidade.

Nesse sentido, o *pocket park* apresenta-se com um objeto de estudo compatível com as discussões teóricas sobre os sistemas de espaços livres de uma cidade, a pertinência quanto a proximidade desses espaços de um determinado grupo social e as possibilidades de diferentes usos e apropriações dos espaços livres públicos pela comunidade em função de sua localização. Reforça, ainda, os conceitos de fluxo, permeabilidade, linhas estruturantes da paisagem, além de permitir o desenvolvimento de um exercício de gramática projetual, utilizar o modelo reduzido como forma de conceber o espaço, explorar o desenho da paisagem, do mobiliário urbano, da luminotécnica em espaços abertos, avançando para a etapa de projeto executivo de paisagismo.

### **3 MATRIZ DE CRITÉRIOS**

Após estudos teóricos sobre o tema e com o intuito de buscar quais princípios norteiam a implantação dos *pocket parks* contemporâneos, foram analisados o Paley Park (Figura 01) dos arquitetos Zion e Breen, o Greenacre Park (Figura 02), de Hideo Sasaki e a Praça Amauri (Figura 03), de Isay Weinfeld.

**Figura 01 – Planta Paley**



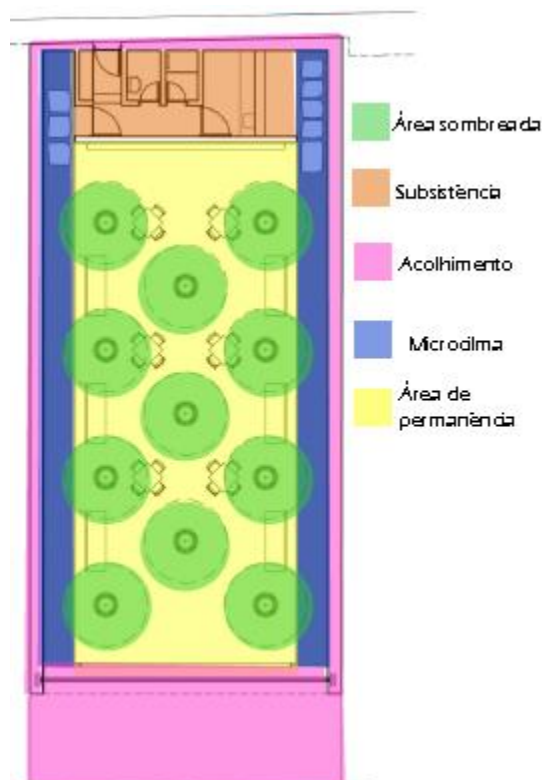
Fonte: Grafismo de Tairine Caixeta sobre Planta Paley Park - GreatBuildings, 2013.

**Figura 02 – Greenacre Park**



Fonte: Grafismo de Tairine Caixeta sobre Planta Greenacre Park - Sasaki, 2013.

Figura 03 – Praça Amauri



Fonte: Grafismo de Tairine Caixeta sobre Planta Praça Amauri - Escritório do Isay Weinfeld, 2013.

As análises realizadas possibilitaram uma leitura das similaridades existentes entre eles no que se refere aos aspectos formais instalados e suas respectivas funções. Com isso foi possível traçar uma analogia e delinear alguns conceitos e condicionantes que norteiam uma melhor implantação desse espaço público, o *pocket park*. A importância em definir cada um desses princípios e as condicionantes se dá em função de facilitar a estrutura da matriz de critérios.

#### Os princípios:

- Acolhimento: ele é a proteção do usuário dentro do espaço, é formado pelos muros de divisa do terreno em que será instalado o pocket park. Além disso, ele também pode ser considerado como o “convite” para que o transeunte adentre esse espaço. Isso se deve a extensão da pavimentação da calçada ao parque.



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

- Área sombreada: as áreas sombreadas podem ser resolvidas com elementos naturais, as arbóreas, por exemplo, ou com elementos arquitetônicos. Ela é importantíssima, pois além de proporcionar um conforto térmico e ambiental, ela forma o teto desse espaço livre, possibilitando aos usuários um ângulo visual mais agradável, principalmente quando inserido entre grandes empenas.
- Subsistência: é o apoio a esse espaço, seu uso deve sempre respeitar as necessidades do entorno em que está inserido o terreno que será implantado o pocket park. Pode ser um pequeno café, uma livraria, um ponto digital, etc.
- Área de permanência: acontece em quase todo o terreno, pois como os pocket parks são inseridos em lotes convencionais e normalmente possuem uma área reduzida, o solo deve ser liberado para a permanência dos seus usuários. Essa área deve ser bastante confortável e agradável, atraindo o usuário e garantindo a permanência desse espaço público.
- Microclima: foi chamado de microclima a implantação do elemento água nesses espaços. Pode ser resolvido com quedas e espelhos d'água. Ele contribui com o conforto térmico e ambiental do pocket park, e disfarça os ruídos externos das ruas.

## Os condicionantes:

- Área: nas leituras de projetos foi possível analisar a porcentagem que cada princípio ocupa naquele determinado terreno. Isso ajuda na distribuição das diferentes funções durante a conceituação do projeto.
- Clima: é a análise feita do terreno a partir da localização geográfica onde será implantado o pocket park. Essa análise é importante pois ela interfere na implantação dos princípios.
- Orientação geográfica (norte): é a análise da carta solar, o estudo da insolação e ventilação do terreno. Ela também norteia na definição dos espaços e distribuição das funções.
- Contiguidade: é a definição da proximidade ou conexão entre dois ou mais princípios.
- Ponto de interesse (referência): é a análise de edifícios ou espaços livres existentes no entorno do terreno, cuja proximidade seja interessante funcionalmente ou visualmente. Se houver um

ponto de referência no entorno imediato, esse ponto pode ser conectado com esse pocket park e/ou deve permanecer visível do interior desse espaço.

- Vizinhança imediata: é a relação dos princípios com os terrenos limítrofes.
- Morfologia: é o estudo do traçado e da relação que deve direcionar a implantação de cada princípio. São determinantes na definição de pisos, vegetação, mobiliário e suas relações com a proposta funcional do espaço.

### A matriz:

Com a definição de cada princípio e condicionante, foi possível construir a matriz de critério (Tabela 01) para a implantação de *pocket parks*. É importante ressaltar que essa matriz tem como objetivo auxiliar na criação de projetos desses espaços, não se configurando em uma norma a ser seguida à risca, devendo ser contextualizada em cada situação.

Tabela 01 – Matriz de critérios

PRINCÍPIOS	CONDICIONANTES							
	ÁREA (%)	SITUAÇÃO	CLIMA	ORIENTAÇÃO GEOGRÁFICA	CONTIGUIDADE	PONTO DE INTERESSE	VIZINHANÇA IMEDIATA	MORFOLOGIA
ACOLHIMENTO		<ul style="list-style-type: none"> <li>• muros divisas do terreno: 2 ou 3 lados</li> <li>• conexão do parque com a área pública (calçada): utilizando o mesmo piso e vegetação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• tirar partido das empenas existentes nas divisas para auxiliar no sombreamento               <ul style="list-style-type: none"> <li>• não impedir a ventilação natural urbana</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• analisar as empenas vizinhas que vão influenciar no sombreamento do parque</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• microclima</li> <li>• área pública (passeios que dão acesso ao parque)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• quando houver um ponto de interesse vizinho ao parque, pode-se integrá-lo, eliminando a barreira da divisa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• respeitar o gabarito existente nas divisas</li> <li>• permitir que o pedestre tenha uma visão geral do <i>pocket park</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• piso de conexão com a área pública tem que ser acessível</li> </ul>
ÁREA SOMBREADA	70%	<ul style="list-style-type: none"> <li>• deve estar próxima à subsistência e áreas de permanência</li> <li>• pode ser sombreada por arbóreas ou elementos arquitetônicos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• clima tropical e equatorial: áreas sombreadas durante todo o ano</li> <li>• clima subtropical, mediterrâneo e semiárido: sombra permanente nos verões e primavera e, no inverno, redução das áreas sombreadas</li> </ul>	<p>Hemisfério Sul:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• norte e oeste: bastante sombreada</li> <li>• leste: meia sombra, pois o sol da manhã não é muito forte</li> <li>• sul: não precisa ser sombreado, pois não há incidência solar</li> </ul> <p>Hemisfério Norte</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• leste e sul: bastante sombreada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• subsistência</li> <li>• área sombreada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• não criar obstáculos que impeçam a visualização do ponto de interesse</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• as copas das árvores do pocket park não devem invadir os terrenos limítrofes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• clima tropical e equatorial: arbóreas, porte alto, densas e perenes</li> <li>• clima subtropical, mediterrâneo e semiárido: arbóreas, porte médio e caducas</li> </ul>



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

				<ul style="list-style-type: none"> <li>oeste: meia sombra</li> </ul>				
SUBSISTÊNCIA	30% (máx)	<ul style="list-style-type: none"> <li>depende da posição geográfica do terreno e dos pontos de interesse existentes no seu entorno</li> <li>não deve interferir no fluxo do parque</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>clima tropical e equatorial: prever ventilação cruzada para garantir conforto ambiental</li> <li>clima subtropical, mediterrâneo e semiárido: prever materiais com isolamento térmico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>melhor localização no hemisfério sul é no leste e no hemisfério norte no oeste, pois são lugares de permanência e devem estar protegidos das incidências solares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>acolhimento             <ul style="list-style-type: none"> <li>área sombreada</li> <li>área de permanência</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>se houver algum ponto de interesse no entorno do terreno, a subsistência tem que se adaptar para privilegiar a vista dos seus usuários</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o uso que será dado a essa subsistência deve acolher as necessidades do seu entorno</li> <li>não deve bloquear a visão do parque</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>deve-se sempre respeitar o gabarito do próprio pocket park, a subsistência é somente um ponto de apoio para esse local</li> </ul>
ÁREA DE PERMANÊNCIA	70% (mín)	<ul style="list-style-type: none"> <li>acontece em praticamente todo o pocket park</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>tem que prever áreas cobertas para proteger das intempéries</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>garantir proteção da incidência solar direta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>subsistência             <ul style="list-style-type: none"> <li>área sombreada</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>garantir a visão dos pontos de interesse</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>quando a vizinhança imediata for um ponto de interesse, conectar as áreas</li> <li>se não houver necessidade de fluxo com a vizinhança imediata a privacidade dos vizinhos deve ser preservada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>toda a área de permanência deve ser acessível</li> <li>pode ter diferentes níveis</li> <li>fazer a opção por pisos que contribuam com a qualidade ambiental da cidade, como pisos drenantes</li> </ul>
MICROCLIMA	10 a 30%	<ul style="list-style-type: none"> <li>queda d'água e espelho d'água</li> <li>deve estar localizado próximo às áreas de permanência</li> <li>deve ser visto da subsistência e da entrada do parque, por ser atrativo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>clima tropical e equatorial: durante todo o ano</li> <li>Clima subtropical, mediterrâneo e semiárido: apenas no verão e na primavera</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a posição geográfica não interfere na implantação do microclima</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>acolhimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>dentro do parque ele é uma referência muito marcante, por isso deve ser visto de todos os ângulos, inclusive da entrada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>pode-se aproveitar o gabarito dos muros de divisa dos terrenos vizinhos para a instalação da queda d'água</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>é importante a presença da queda d'água, pois ela afasta os ruídos externos. Para que isso ocorra, é preciso que ela tenha uma altura suficiente para emitir som</li> <li>o espelho d'água pode estar localizado entre a queda d'água e as áreas de permanência, com largura suficiente para não molhar os usuários</li> </ul>

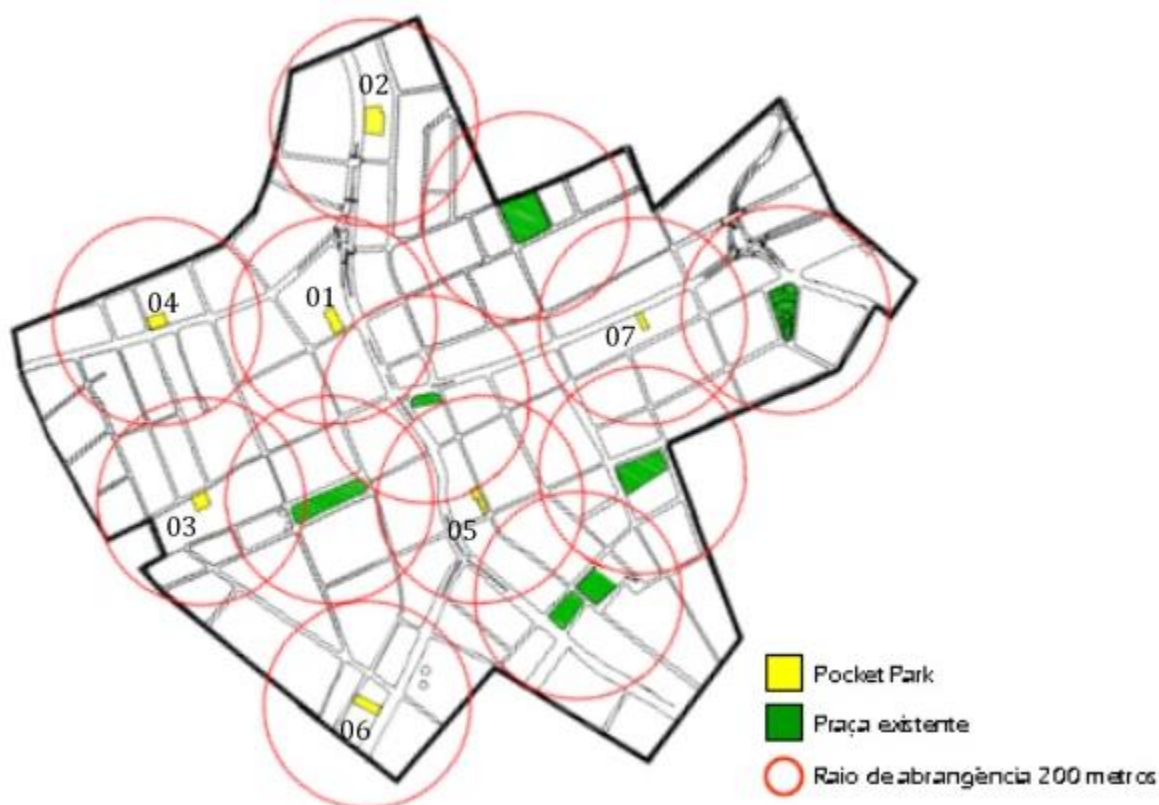


#### 4 EXERCÍCIO METODOLÓGICO

A partir dessa reflexão, foi desenvolvido um exercício metodológico para aplicação e confronto dos princípios e condicionantes apontados.

A escolha de sete lotes vagos da área central da cidade de Uberaba (Figura 04), distribuídos de forma a atender aos usuários que moram ou trabalham no entorno, foi feita a partir do entendimento que esses usuários devem acessar essas áreas a pé e que o tempo de deslocamento e permanência no local deveria ser compatível com os intervalos da jornada de trabalho ou com pequenos horários de ócio na vida cotidiana. Daí a definição do raio de deslocamento para qualquer das áreas livres ter sido definida como 200 metros.

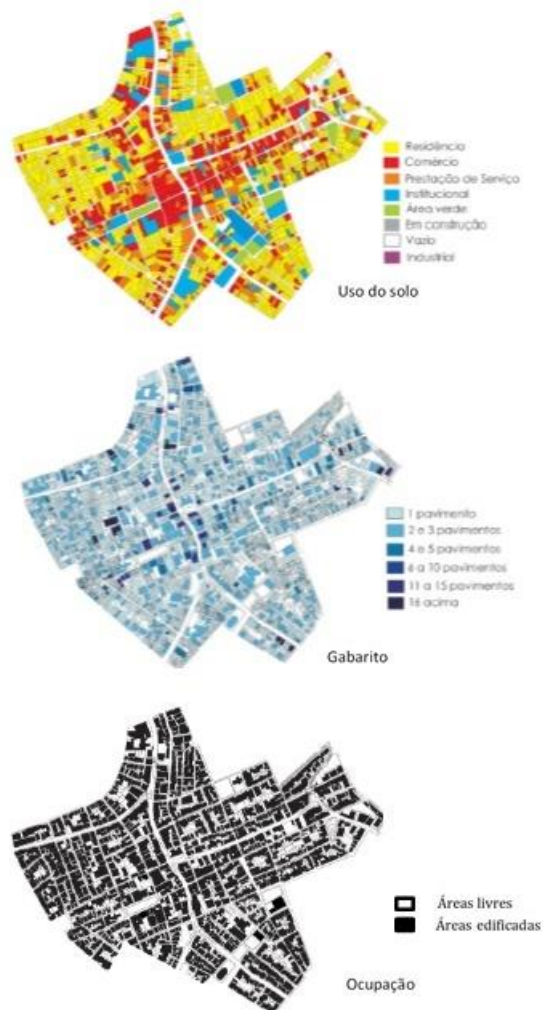
Figura 04 – Localização dos sete terrenos escolhidos para o exercício projetual.



Como o exercício em questão abordou apenas lotes da área central, foi feito um levantamento dessa área que serviria para todos os estudos propostos. Os mapas temáticos (Figura 05) buscaram identificar a densidade e a utilização das edificações do entorno de cada proposta. A partir desse mapeamento,

foi realizado um levantamento iconográfico dos entornos dos terrenos escolhidos, analisadas as configurações de cada um dos lotes e as necessidades da população local.

**Figura 05 – Mapas temáticos: uso, gabarito e ocupação.**



Para cada uma das sete propostas, foram realizados levantamentos topográficos e fluxos com base nos critérios descritos acima, definindo as áreas segundo os usos propostos, as proximidades e conexões entre elas, fundamentadas nas diretrizes (Figuras 06, 08, 10, 12, 14, 16 e 18). Foi proposta também uma grade de acordo com as dimensões do lote, sobre a qual foram desenvolvidos os primeiros desenhos e que serviu de referência para a indicação do plantio das arbóreas. Por fim, após a definição dos mapas conceituais de todos os lotes e como resultado do exercício metodológico, foram finalizadas

as propostas projetuais dos sete *Pocket Parks* (Figuras 07, 09, 11, 13, 15, 17 e 19), segundo os princípios e condicionantes descritos na matriz de critérios apresentada na Tabela 01.

## Projeto 01

Figura 06 – Projeto 01 - Diretrizes projetuais

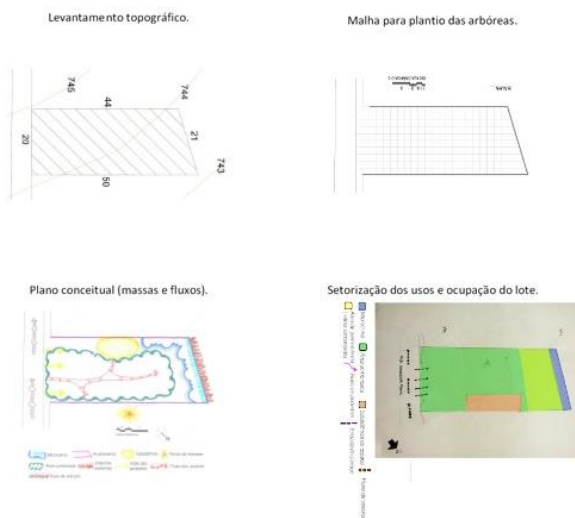
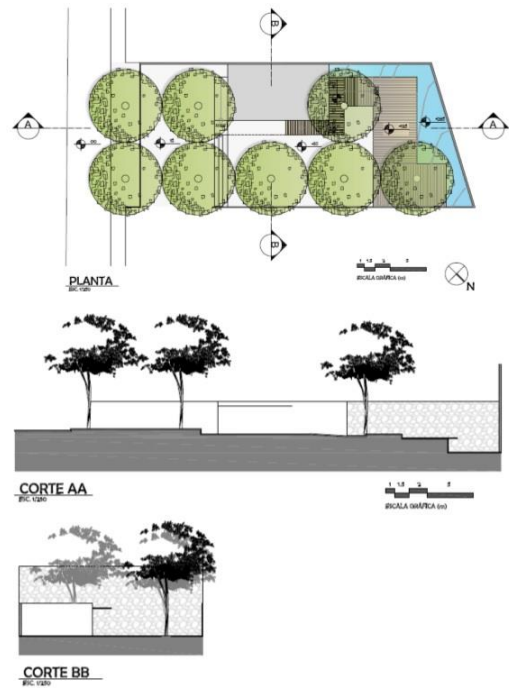


Figura 07 – Projeto 01 – Plantas e cortes



## Projeto 02

Figura 08 – Projeto 02 - Diretrizes projetuais

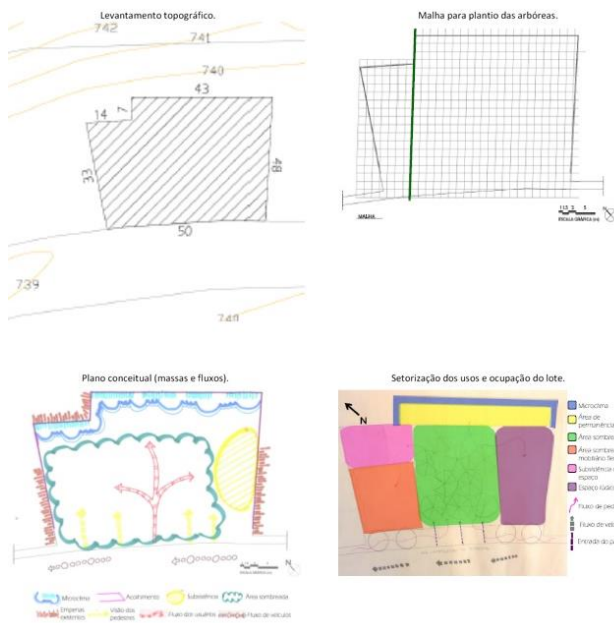
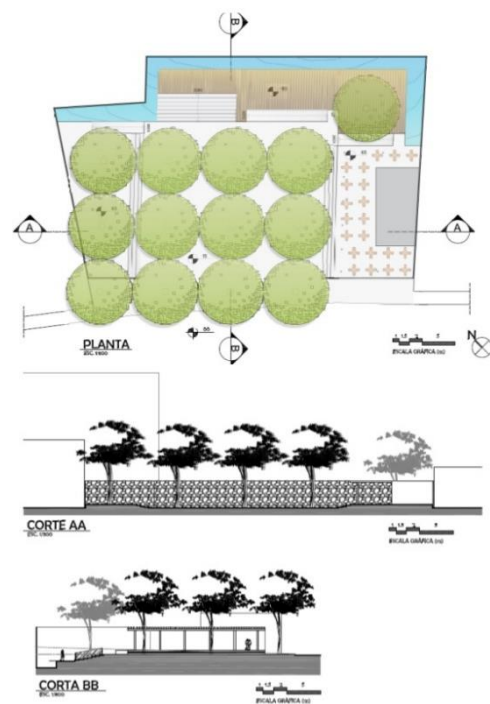


Figura 09 – Projeto 02 – Plantas e cortes



## Projeto 03

Figura 10 – Projeto 03 - Diretrizes projetuais

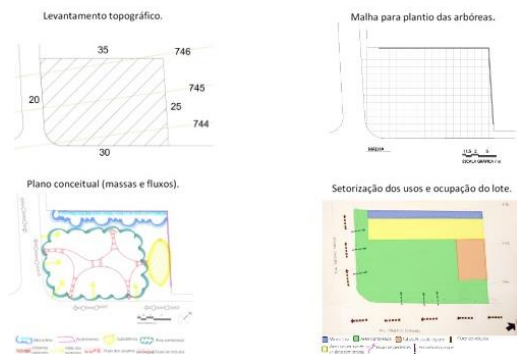
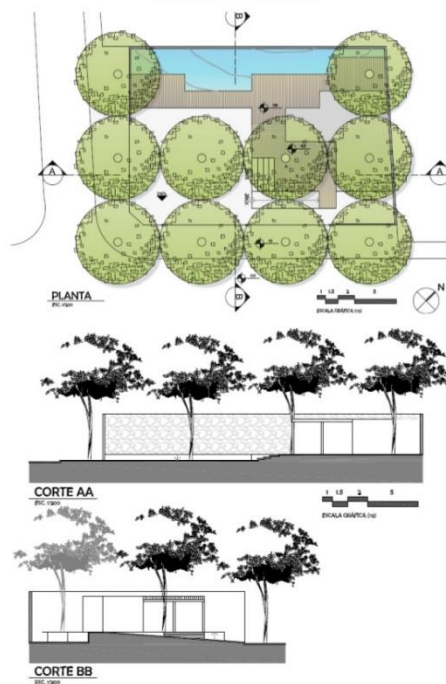


Figura 11 – Projeto 03 – Plantas e cortes



## Projeto 04

Figura 12 – Projeto 04 - Diretrizes projetuais

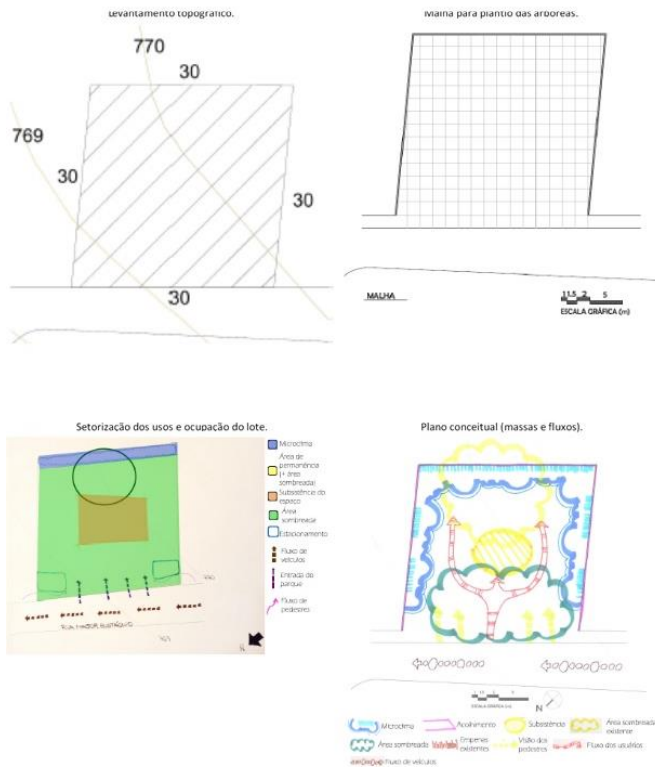
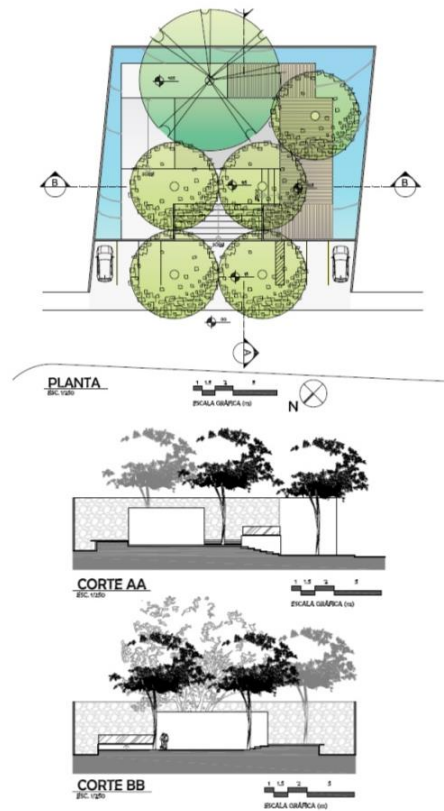


Figura 13 – Projeto 04 – Plantas e cortes



## Projeto 05

Figura 14 – Projeto 05 - Diretrizes projetuais

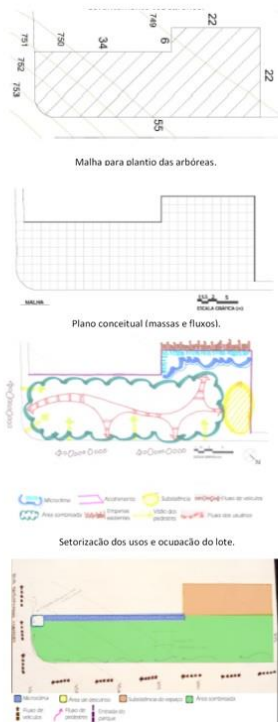
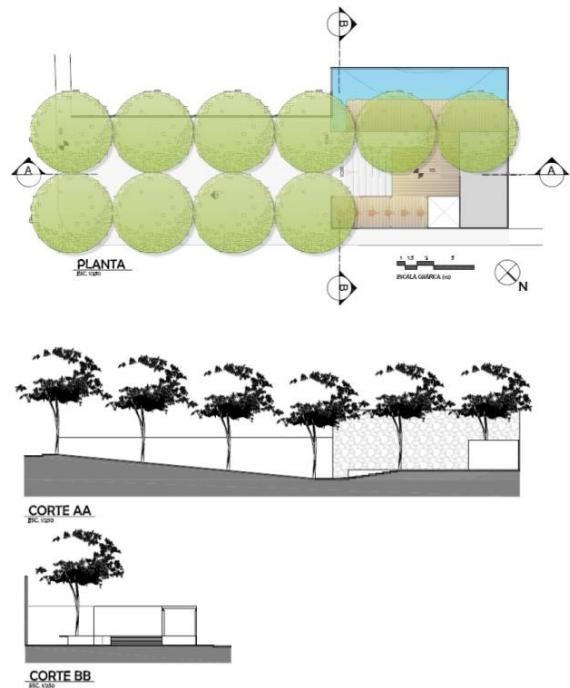


Figura 15 – Projeto 05 – Plantas e cortes



## Projeto 06

Figura 16 – Projeto 06 - Diretrizes projetuais

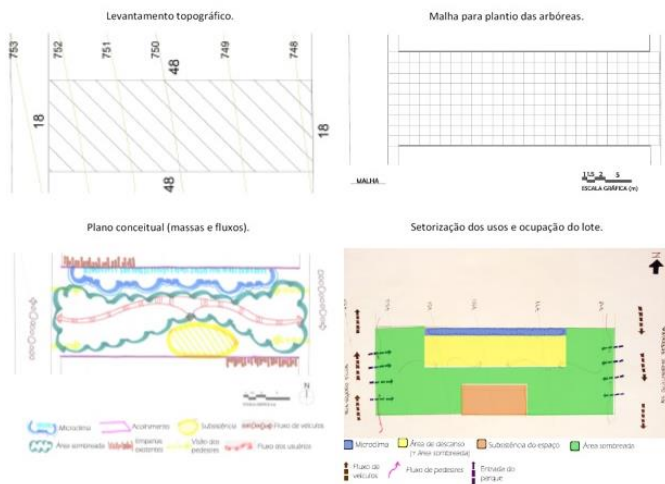
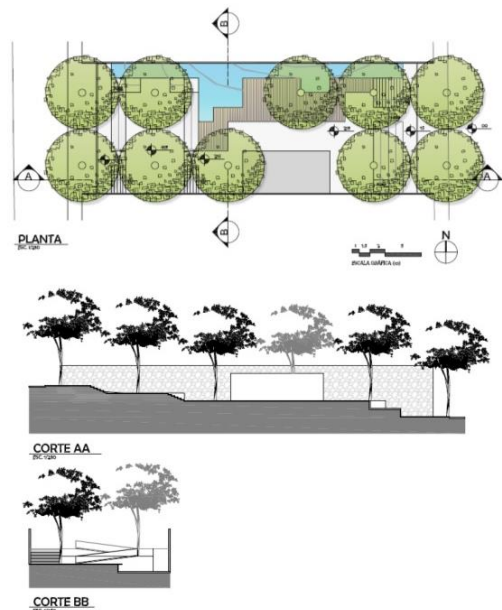


Figura 17 – Projeto 06 – Plantas e cortes



## Projeto 07

Figura 18 – Projeto 07 - Diretrizes projetuais

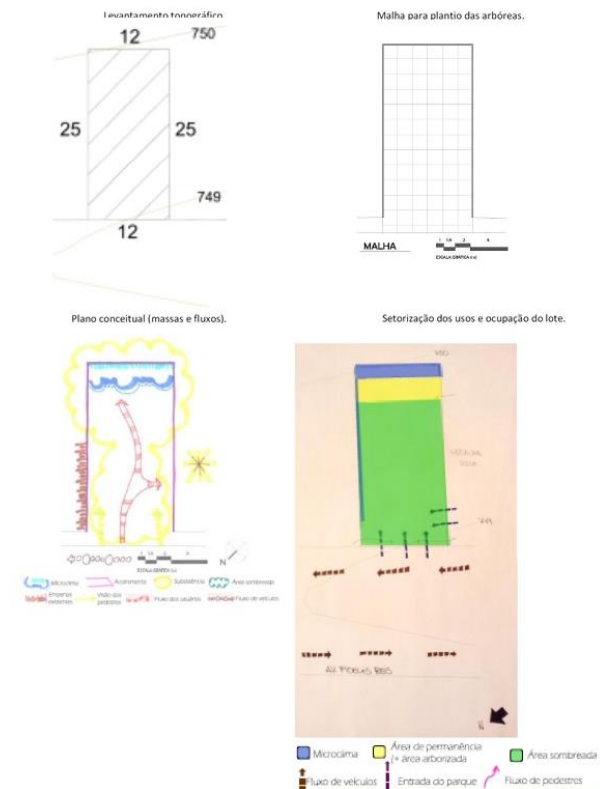
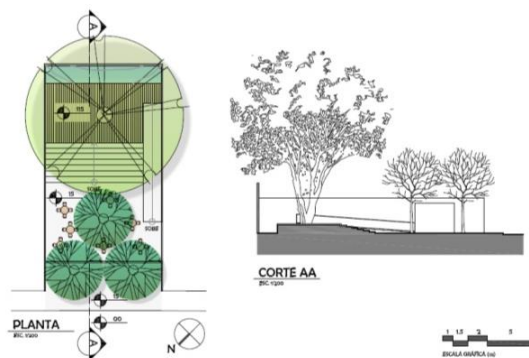


Figura 19 – Projeto 07 – Plantas e cortes



É importante ressaltar que esses projetos representam um exercício metodológico e, assim como a matriz, tem como objetivo apenas auxiliar na reflexão de projetos desse tipo. Não se configuram em uma regra. Cada novo projeto deve ser alvo de pesquisa e estudos, propondo-se novas configurações.

## 5 REFERÊNCIAS

ALEX, Sun. *Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público*. 1ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MALUF, Carmem. Espaço, tempo e lugar. *PÓS-Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, São Paulo, n. 23, jun. 2008, pp.70-83.

QUEIROGA, et al. Notas Gerais sobre os Sistemas de Espaços Livres da Cidade Brasileira. In *Sistemas de espaços livres: conceito, conflitos e paisagens* / organização Ana Cecilia Arruda Campos, Eugenio Fernandes Queiroga, Fany Galender, Helena Napoleon Degreas, Rogério Akamine, Silvio Soares Macedo, Vanderli Custódio. – São Paulo: FAUUSP, 2011, pp. 11-20.

REID, Grant W. *Landscape Graphics, Plan Section and Perspective Drawing of Landscape Spaces*. Watson-Guption Publications, New York, 2002.